

# EM TORNO DA EDIÇÃO DE EÇA DE QUEIRÓS<sup>1</sup>

ELZA MINÉ

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**a** Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós – projeto coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Reis, da Universidade de Coimbra – que vem sendo editada pela Imprensa Nacional/Casa da Moeda, de Lisboa, vai já em seu sétimo volume, a saber, cinco relativos à ficção (*O Mandarim*, *A Capital!*, *O crime do Padre Amaro* (segunda e terceira versões), *A ilustre Casa de Ramires*, *Alves & Cia*) e dois aos textos de imprensa: o primeiro, reunindo os textos de imprensa constantes da *Revista de Portugal* (*Textos de imprensa VI*) e o mais recentemente publicado, em julho deste ano, enfeixando os da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, preparado por mim e por Neuma Cavalcante. Informações gerais sobre o comportamento editorial adotado na preparação de tal volume, enfatizando-se a especificidade dos textos que o constituem, são o objeto de nossa apresentação, no âmbito dessa mesa redonda que contempla perspectivas da Filologia Textual.

---

1. Esta comunicação fez parte da mesa redonda “Perspectivas da filologia textual”.

Tenha-se em conta, inicialmente, que o conjunto das colaborações jornalísticas de Eça de Queirós publicadas em 116 números daquela folha carioca, de 1880 a 1897, constituindo 58 textos completos, recolhidos do próprio jornal, constituiu o texto-base para o estabelecimento do texto crítico, publicado sob o título geral de *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*.<sup>2</sup> Até hoje não localizados, os originais de tais textos consideram-se perdidos.

Essas correspondências para o Brasil foram reunidas em livro, postumamente, por Luís de Magalhães, sob diferentes títulos – *Cartas de Inglaterra* (1905), *Ecos de Paris* (1905), *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (1907) e parte de *Notas Contemporâneas* (1909). Para realizar tais edições, Magalhães fez uso de recortes gentilmente cedidos por Ramos Paz, segundo informação constante da introdução do catálogo de seu arquivo, assinada por Capistrano de Abreu. No arquivo Ramos Paz (Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro) pôde ser localizada correspondência reafirmando essa inestimável contribuição do conhecido bibliófilo.

Observe-se, inicialmente, que Luís de Magalhães não teve em conta, de modo rigoroso, a ordem cronológica de publicação das matérias jornalísticas queirosianas na *Gazeta de Notícias*. Assim sendo, na preparação da edição crítica, nosso primeiro cuidado foi apresentá-las em tal ordem, anotando rigorosamente data e espaço em que se inserem na folha carioca, preenchendo também lacunas que se registraram em seu resgate. No que diz respeito às páginas e seções da *Gazeta de Notícias* em que os textos de Eça se inscrevem e às rubricas que os encabeçam, lembro que as

---

2. Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. *Textos de Imprensa IV (da Gazeta de Notícias)*, ed. de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002, 687p.

edições em livro disponíveis até o momento, nada nos informavam a esse respeito.

Os volumes que reúnem em livro essas colaborações de Eça para a *Gazeta* foram já objeto de várias reedições. Em 1970, sob a responsabilidade de Helena Cidade Moura e numa edição de Livros do Brasil, Lisboa, estes textos jornalísticos enviados por Eça de Queirós para publicação no Brasil apresentam-se sob nova organização, caracterizada pela forma distinta de reunião em volumes os quais, por sua vez, recebem títulos também diferentes.<sup>3</sup>

Tendo-se em conta que as edições aqui referidas correspondem a momentos fundamentais de resgate e ampla veiculação desses textos queirosianos (dada a inacessibilidade da *Gazeta* a um público de nossos dias), propusemo-nos, na edição crítica por nós preparada a identificar e a examinar as variantes registradas nestas edições em livro, ou seja, as divergências ou discrepâncias entre ambas e o texto-base, ou seja, aquele que efetivamente se publica no jornal do Rio de Janeiro. Obviamente não autorais, representam, contudo, o tratamento dispensado pela tradição a tais matérias jornalísticas, além de exibirem, de maneira bastante clara, vetores de uma atuação editorial que sobre elas se exerceu.

---

3. Assim sendo, aos textos constantes da edição de 1905 sob o título *Cartas de Inglaterra*, junta-se a colaboração enviada por Eça de Queirós ao jornal *A Actualidade*, do Porto, que fora publicada em livro apenas em 1944 por Eduardo Pinto da Cunha com o título *Crónicas de Londres* (2)<sup>3</sup>. O novo volume, assim constituído, recebe o título de *Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres*. Com relação aos textos que Luís de Magalhães recolhera em 1905 e 1907, sob os títulos de *Ecos de Paris* e de *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*, respectivamente, Helena Cidade Moura reuniu-os também num só volume, a que chamou *Cartas de Paris*, mantendo contudo, internamente, as subdivisões correspondentes à primeira edição em livro. A edição de 1970 retira subtítulos criados por Luís de Magalhães, incorpora algumas das matérias por ele deixadas de lado e também não se propõe a apresentá-las cronologicamente. A ordenação e a seleção das matérias recolhidas das páginas da *Gazeta de Notícias* por Luís de Magalhães para integrarem o volume *Notas Contemporâneas*, publicado em 1909, mantêm-se na edição de 1970, conservando-se também o título geral.

Note-se, todavia, que dada a ausência de revisão do Autor na altura de sua primeira apresentação ao público através das páginas da *Gazeta de Notícias* e ainda à perda dos originais, não se tem nenhuma garantia de que os textos impressos no jornal não tenham sofrido alterações, pois sabe-se das dificuldades de leitura ensejadas pelos manuscritos queirosianos. Porém, o número relativamente reduzido de erros óbvios registrados indica que a composição gráfica tenha sido atenta e cuidadosa. Por outro lado, a ausência de pedidos de emenda ou correção (relativamente a esses textos), em qualquer parte da *Gazeta*, é um indicador indireto de que deturpações graves não se tenham perpetrado, ou, ao menos, implica conformada aceitação (da parte do escritor exigente) das vicissitudes a que está sujeito o texto jornalístico em sua forma de divulgação, forma sobre a qual pesam, tal como na instância da própria produção, as inevitáveis decorrências dos prazos a cumprir.

De qualquer forma, como adverte Tavani,<sup>4</sup> estamos conscientes de que a restituição do texto, por nós apresentada, “no puede ser sino hipotética, y conformarse con lo irremediable de la situación”. Seguindo seu conselho, procuramos fazer todo o possível para “depurar por lo menos el texto de los errores de imprenta más visibles y de las incongruencias micro-textuales no atribuibles a particularidades del estilo del autor”, ao fazermos esta apresentação integral e conjunta do que se pode considerar a obra jornalística de Eça de Queirós, pensada e elaborada tendo em vista o público brasileiro, por meio de um mesmo e único veículo – a *Gazeta de Notícias*.

Os textos jornalísticos de Eça para o Brasil, e só eles são recolhidos em *Textos de Imprensa IV*, atendendo-se a um

---

4. TAVANI, Giuseppe. “Metodología y práctica de la edición crítica de textos literarios contemporáneos”. In: *Littérature Latino-Américaine et des Caraïbes du XXème siècle. Théorie et pratique de l'édition critique*. Amos Segalla (org.). Collection Archives. Bulzoni Edit., 1988, p.69.

critério de gênero em que se baseia o projeto da edição crítica de suas obras, evidentemente ecoam e são parasitários da vida de entidades reais, extra-texto. Mas, mesmo assim, o privilégio absoluto do aspecto referencial nunca se instaura: na textualização da realidade circundante, o trabalho constante do signo verbal sempre se registra e, freqüentemente, a intervenção de uma imaginação produtivamente criadora ajuda a plasmar, fertilizando-a, a informação de que se incumbe o jornalista. Neles se inscreve, sem dúvida, uma maneira de ver e fazer ver, de inteligir a realidade em que se apoiam – a inglesa, a francesa, a européia em geral – e à qual o jornalista continuamente remete, recriando-a. Neles, um modo de apreender, pensar e representar a sociedade de seu tempo, aos bocados, se exercita e depura. Assim é que fatos políticos e do cotidiano, acontecimentos e questões de política nacional e internacional, retratos de personalidades, anedotas espalhadas, tudo se vê drenado e selecionado com a liberdade que ainda hoje marca o trabalho do cronista e, de certa forma, ainda o do correspondente, e que, no caso de Eça e a *Gazeta*, era irrestrita.

#### DAS PÁGINAS DA GAZETA PARA OUTROS TEXTOS: TRANSMUTAÇÕES

Dentre as matérias jornalísticas publicadas, como já dissemos, em 116 números da *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, encontram-se 4 que, revisitadas, transformadas, mediante modificações autorais de vária ordem, e em vários níveis, irão integrar, “transmudadas”, a *Correspondência de Fradique Mendes* e as *Cartas inéditas de Fradique Mendes*.<sup>5</sup>

---

5. Trata-se, no último caso mencionado, da matéria publicada em 2 de abril de 1893, com o título de “Tema para versos I” (“Tema para Versos II” corresponde ao texto publicado separada e independentemente no volume *Contos* com o título de “A aia”, dado por Luís de Magalhães). Trata-se, nos demais, das correspondências de 13

Três dessas “fradiquices”, na sua forma original de textos de imprensa, tal como publicados na *Gazeta de Notícias*, ficaram fora do resgate realizado por Luís de Magalhães, tendo tido sua exclusão reiterada na edição de 1970. Integram, contudo, a edição crítica, permitindo ao leitor interessado, mediante o cotejo dos textos, a apreensão processual da transformação, em seus direcionamentos e contornos, ao mudarem de estatuto, vendo-se transmudados nas Cartas XIV e XII (“A Mme. de Jouarre”) da *Correspondência de Fradique Mendes* e na “Carta a Manuel” de *Cartas inéditas de Fradique Mendes*, respectivamente.

Apenas a quarta provem de matéria publicada sem título na coluna “Ecos de Paris”, nos dias 26, 27 e 28 de abril de 1894, e a que Luís de Magalhães intitulou: “Outra bomba anarquista; o Sr. Brunetière e a imprensa”, como já tive ocasião de mostrar em outro lugar.<sup>6</sup>

Gostaria apenas de chamar a atenção para um ponto em comum entre esses textos de imprensa que, transmudados, passaram a constituir-se em cartas de Fradique Mendes. Apresentavam todos eles, em sua forma inicial – donde o vínculo natural com Fradique, personagem – uma reflexão crítica, ou uma caracterização ajuizadora: sobre a imprensa e a prática jornalística (último caso mencionado), sobre o clero, sobre a vida no campo. Como numa espécie de manifesto, comparecem as considerações sobre a poesia, o versejar.

---

de junho de 1892 e de 27 de julho do mesmo ano, intituladas respectivamente “Padre Salgueiro” e “Quinta de Frades”.

6. V. MINÉ, Elza. *Páginas Flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, p.91-107.

## O RESGATE DE “ESQUECIMENTOS”

A consideração atenta das variantes registadas por esta edição crítica aponta para supressões e substituições, esparsamente distribuídas, que nem sempre se podem considerar “inocentes”. No entanto, a mais significativa “operação de resgate” efetuada refere-se a toda a parte intermediária de uma correspondência enviada para a *Gazeta de Notícias* – “A propósito de *Thermidor*” – parte esta publicada no dia 9 de agosto de 1896 que a primeira edição em livro, realizada por Luís de Magalhães suprimiu, e cuja ausência se faz também notar na edição realizada por Helena Cidade Moura para Livros do Brasil, em 1970.

Guerra da Cal já notara, a propósito da correspondência de abril de 1895 e a que Luís de Magalhães deu o título de “O inverno em Paris” (*Cartas Familiares e Bilhetes de Paris*), a eliminação dos trechos publicados em três dias diferentes, na primeira edição, *ya por inadvertencia, ya por prejuicios ideologicos*, uma vez que *esas partes son de particular interés en relación a las ideas sociales de Eça*. Poderíamos dizer que a reincidência do mesmo processo de silenciar ocorrido logo a seguir com o texto “A propósito de *Thermidor*”, reforçaria a segunda hipótese, ou seja, a de uma operação de censura realizada pelo primeiro editor (*editori...traditori...*), o que se poderá constatar pela leitura do texto “extirpado” da página 2, colunas 3 e 4 do dia 9 de Agosto de 1896 da *Gazeta de Notícias*, reproduzido em nossa edição às páginas 611 a 614. Hipótese esta que encontra ainda respaldo, como mencionamos no início, em muitas pequenas substituições que pontilham a transcrição do conjunto das correspondências para publicação em livro, como pode ser diretamente observado através do registro das variantes.

## QUADRO DE CORRESPONDÊNCIAS DAS EDIÇÕES COTEJADAS

No final da introdução do volume, apresentamos um quadro de correspondências das edições cotejadas, que permite uma pronta visualização dos pontos lacunares (não publicação, integral ou parcial, de textos) e das discrepâncias de ordem cronológica apresentadas pelas edições em livro (já mencionadas) relativamente ao texto-base (GN), bem como faculta a apreensão imediata das diferenças observadas quanto a títulos e subtítulos. Neste quadro, conserva-se a grafia original dos títulos e subtítulos das matérias nele registradas.

### A COLAÇÃO: PROCEDIMENTOS MAIS COMUNS “DE CORREÇÃO” OBSERVÁVEIS NA PRIMEIRA EDIÇÃO EM LIVRO, DAS DIFERENTES COLETÂNEAS, E NA EDIÇÃO DE 1970

A colação das primeiras edições em livro das diferentes coletâneas, com a de 1970, nos permite supor, e mesmo constatar, uma certa relação de dependência da edição de 1970 àquelas organizadas por Luís de Magalhães, conexão esta que evidentemente só se pode comprovar por confluírem estes dois testemunhos para um terceiro, o da própria *Gazeta de Notícias*, em cujas páginas ambos os editores afirmam basear-se e que, como já se disse, funcionou como nosso texto-base.

Tal relação se patenteia de modo inequívoco em casos coincidentes de supressão, substituição ou acréscimo de palavras ou expressões. Contudo, se relativiza, ou mesmo se dilui, no que diz respeito às interferências na pontuação registradas na *Gazeta de Notícias*, campo em que, sem dúvida, é altamente significativa a freqüência de variantes editoriais.



Assim sendo, acréscimos ou supressões de vírgulas, de travessões e mesmo troca de sinais, procedimentos muitas vezes justificáveis por virem sanar omissões indevidas ou colocações não atribuíveis a razões estilísticas (exigência de ritmo, por exemplo), nos textos da GN, acabam por delinear “tendências de correção”, embora nenhuma nota ou explicação a tal respeito se registre nas respectivas edições.

O exemplo mais evidente é o da supressão sistemática da vírgula antecedendo o travessão (de uso freqüente no Autor) efetuado por 1970, enquanto as primeiras edições apresentam, nestes casos, um comportamento assistemático.

Da mesma forma, observa-se a tendência, nas edições em livro focalizadas, de apresentarem sempre entre vírgulas os adjuntos adverbiais, mesmo em casos em que, gramaticalmente, tal procedimento seria dispensável.

A vírgula antecedendo a conjunção “e” (seja ou não em enumeração), de presença significativa na *Gazeta de Notícias*, vê-se suprimida em alguns passos nas primeiras edições e com grande frequência na de 1970. A troca de sinais mais ocorrente em 1970 é a de dois pontos, por travessão, e vice-versa.

Quanto a nós, conservamos, do modo mais fiel possível, a pontuação do texto-base. Só fizemos alterações que nos pareceram absolutamente indispensáveis, anotando-as. Ou seja: as intervenções se restringem a atuar na emenda de falhas evidentes de composição (omissão ou erro) que ocasionam incongruências ou dificuldade de compreensão. Pensamos, assim, respeitar o preceito básico de que cabe ao editor crítico atender, no que diz respeito à pontuação, ao comportamento habitual do Autor.

Além da pontuação, outra diferença marcante entre as duas atuações editoriais examinadas deve-se ao comportamento diante de palavras estrangeiras que se vêem aportuguesadas em 1970, mesmo em se tratando de nomes próprios (Orleans / Orleães; Conde d’Eu / Conde de Eu; *touriste* / turista).

Os itálicos e as aspas, apresentados de forma não padronizada pela *Gazeta de Notícias*, comparecem também empregados assistematicamente em ambas as edições.

#### NORMAS E CRITÉRIOS PARA O ESTABELECIMENTO DO TEXTO CRÍTICO E REGISTRO DAS VARIANTES

Adotamos como normas gerais para fixação do texto e apresentação das variantes aquelas estabelecidas pela equipe responsável pela Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós. Tivemos sempre em conta a especificidade do material de que nos ocupávamos, na adoção de procedimentos particulares. Assim sendo:

1 – reproduzimos o texto-base, ou seja, o conjunto dos textos de imprensa publicados pelo Autor na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro [GN], em 116 números diferentes da publicação, de 1880 a 1897, constituindo-se em 58 textos completos, transcrevendo-os integralmente e respeitando rigorosamente a ordem cronológica de sua aparição naquele jornal brasileiro;

2 – atualizamos a grafia de todos os textos, de acordo com as normas ortográficas vigentes em Portugal; mantivemos contudo a oscilação dos ditongos sincréticos <ou> <oi>, quando ainda hoje ocorrente, como é o caso, por exemplo, de “cousa”, “coisa”;

3 – adotamos igual procedimento relativamente à acentuação, ao uso do apóstrofe [d’uma = duma; d’um = dum] e ao emprego de maiúsculas. Embora tenhamos mantido, independentemente das prescrições atuais de uso, as maiúsculas que por ênfase ou qualquer outra intenção expressiva se registrem na *Gazeta de Notícias*, sabemos ser impossível distinguir com segurança intuito do escritor e opção do tipógrafo que realizou a composição das matérias;

4 – conservamos, do modo mais fiel possível, a pontuação do texto-base. No caso específico destes *Textos de Imprensa IV* (relembramos, não revistos pelo Autor e cujos autógrafos se perderam), e tendo em vista as observações de Guerra da Cal (*Língua e estilo de Eça de Queirós*) e ainda as afirmações de Luís Fagundes Duarte na introdução à edição crítica de *A Capital!*, só fizemos alterações que nos pareceram absolutamente indispensáveis, anotando-as. Ou seja: as intervenções se restringem a atuar na emenda de falhas evidentes de composição (omissão ou erro) que ocasionam incongruências ou dificuldade de compreensão. Pensamos, assim, respeitar o preceito básico de que cabe ao editor crítico atender, no que diz respeito à pontuação, ao comportamento habitual do Autor. Lembramos as considerações de Fagundes Duarte sobre o sistema de pontuação do autor “bastante pessoal, violando propositadamente as normas vigentes no seu tempo e freqüentemente contrariando as normas atuais (fato que tem levado os editores a alterá-lo; como se de erro se tratasse e não de atitude estilística como de fato é) e orientando-se muito mais pelo ritmo do que pela norma-tividade de ordem sintática – de que decorre uma pontuação predominantemente de ordem supra-segmental”;

5 – regularizamos também o uso de aspas e itálicos, de emprego bastante assistemático na *Gazeta de Notícias*, reservando as aspas duplas para as palavras em destaque e para as citações de textos de terceiros e os itálicos, para títulos de livros, jornais e revistas, peças teatrais, composições musicais e termos estrangeiros;

6 – conservamos as abreviaturas de tratamento, mas grafando-as segundo o uso atual, e desenvolvemos as demais (aliás, pouco ocorrentes);

7 – mantivemos as palavras estrangeiras, padronizando sua apresentação em itálico, corrigindo assim as oscilações entre redondo e itálico constantes da *Gazeta de Notícias*. No caso

de nomes próprios não aportuguesados na *Gazeta*, também assim os mantivemos, adotando, portanto, um procedimento distinto daquele que se observa freqüentemente na edição de 1970;

8 – anotamos em rodapé as variantes editoriais observadas nas edições cotejadas. Na fixação do texto crítico, quando as nossas intervenções sobre a *Gazeta de Notícias* coincidiram com aquelas presentes nas edições em livro utilizadas na colação, mencionamos, sistematicamente, a identidade de procedimento, como por exemplo: Paris de ] Paris, de [GN; adopta-se a lição de 1907 e 1970];

9 – inscrevemos as variantes, localizáveis através da linha em que se encontram (pois que os textos se enumeram à esquerda de cinco em cinco linhas), formalizando-as através da remissão ao texto crítico pela repetição da última invariante e trazendo, entre parênteses retos, a indicação do testemunho de que decorrem;

10 – formalizamos o registo das variantes que se constituem em supressões ou acréscimos de palavras ou frases pela retomada das duas invariantes do texto crítico entre as quais ocorrem;

11 – respeitamos a divisão em parágrafos apresentada pelo texto-base.

PROCEDIMENTOS DE APRESENTAÇÃO DO TEXTO  
CRÍTICO: ORGANIZAÇÃO CRONOLÓGICA DOS TEXTOS  
E CONSTITUIÇÃO E DISPOSIÇÃO DO APARATO  
CRÍTICO

Os textos organizam-se segundo a ordem cronológica de sua publicação na *Gazeta de Notícias*. No alto, à esquerda, transcreve-se a data da *Gazeta* em que cada um deles foi publicado.

Os títulos de seção e/ou de coluna constam em rodapé, figurando apenas no centro, abaixo da data de publicação, o título de matéria, quando existente. Ainda em rodapé, antecedida pela letra a, vem a indicação da data de publicação na *Gazeta de Notícias* (dia, mês, ano e ano de publicação do periódico, dados esses reproduzidos do cabeçalho do jornal em que se inscreve a colaboração), página e número de colunas ocupados pela matéria a que se dá tratamento crítico, assim como a indicação da existência ou não, no final, da assinatura e, conforme o caso, da informação "Continua".

Nos casos em que uma mesma correspondência foi seccionada para publicação em dias diferentes, a mudança de data aparece sempre consignada à esquerda, entre parênteses retos. Nos casos em que a data de envio da correspondência consta da publicação na GN, esta data é considerada texto e, como tal, figura como parte deste, e não em rodapé. Portanto, só nesses casos, é que duas datas aparecem antecedendo o texto, correspondendo a data da esquerda ao de sua publicação efetiva nas páginas do jornal, e a data da direita correspondendo àquela que figura no corpo textual da correspondência como sendo a de envio pelo escritor.

Ao concluirmos esta apresentação da orientação geral e dos procedimentos adotados na edição crítica desses textos de imprensa queirosianos, esperamos poder contribuir, de alguma forma, para a discussão e encaminhamento de eventuais soluções em projetos semelhantes, resguardadas, evidentemente, as respectivas especificidades.